AS VEDETAS

Lucien Lambert, argumentista e dramaturgo contemporâneo francês, trabalhou em Londres durante quinze anos, escrevendo para Cinema, Televisão e Publicidade. Na seu regresso a Paris, em 1984, dedicou-se também à escrita teatral publicando, com êxito, L'Ouvre-Boîtes e Les Cloriottes (As Vedetas), premiada do Concurso de Peças em Um Acto, Metz, 1985, e já representada mais de 200 vezes. Em 1993, além da preparação de duas novas peças, La Courtisane e Bonjour Emilie, tem em digressão pela Literatura Les Deux Sophies (igualmente premiada em Metz), estando a escrever Ce soir, on ne jouera pas Hamlet. Foi argumentista dos 12 episódios de Operação Mozart (co-produção televisiva França/Alemanha/Austria/Portugal).

Sem M

LIVROS COTOVIA

LUCIEN LAMBERT

AS VEDETAS

LUCIEN LAMBERT

As Vedetas

TEATRO

Título original: *Les Charlottes*
© Lucien Lambert, 1985

© Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1993

Concepção gráfica de João Botelho

ISBN 972-8028-24-5

A presente edição contou com o apoio da
Seth – Sociedade de Empreitadas
e Trabalhos Hidráulicos, Lda.

Lucien Lambert

As Vedetas

Tradução de
Gaëtan Martins de Oliveira

Cotovia
Teatro Nacional D. Maria II

A publicação da tradução portuguesa de Les Charlottes *é um segundo passo no propósito de divulgar textos de teatro apresentado no FIT. Em 1992, no âmbito da 2.ª edição do Festival Internacional de Teatro, escolheu-se o clássico de Heinrich von Kleist,* Anfitrião. *Desta vez, temos um dramaturgo contemporâneo, Lucien Lambert. A cultura não se define unicamente pela geografia, e do mesmo modo não é prisioneira do tempo. Flui e acontece. Assim como* uma comédia segundo Molière *pode perfeitamente apontar para uma leitura actual sem perder em nada a sua autenticidade, o teatro escrito agora tem toda a legitimidade para questionar os seus fundamentos e mitos. É o caso, precisamente, de* As Vedetas, *peça incluída no Festival de 1993.*

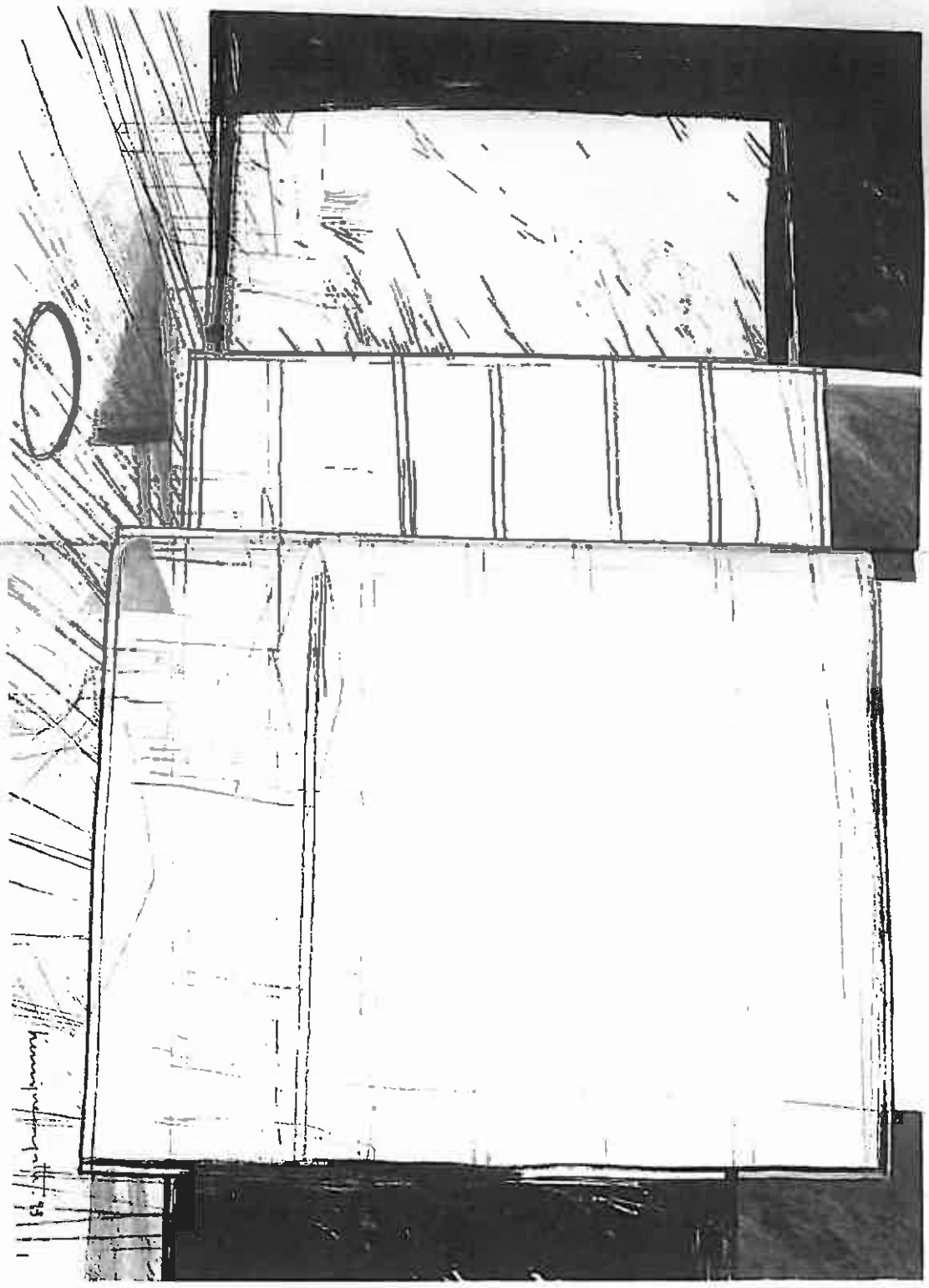
António Lagarto

Índice

Elenco de Estreia p. 13

AS VEDETAS 15

AS VEDETAS — desenho 1993, tinta da china e grafite sobre papel. HENRIQUE CAYATTE.



Elenco
de
AS VEDETAS
Espectáculo estreado em 12 de Maio de 1993
na Sala Estúdio do Teatro Nacional D. Maria II
Lisboa

Simone	Margarida Rosa Rodrigues
Sylvie	Custódia Gallego
Encenação	Izaías Almada
Direcção plástica	Henrique Cayatte
Figurinos	José António Tenente
Desenho de luz	Daniel Worm d'Assumpção
Direcção de produção	Maria José Camecelha

Co-produção: MRR / TNDM II / FIT 93

As Vedetas

Personagens

Simone
Sylvie

O CENÁRIO

No centro do palco, ao fundo, uma moldura rectangular, vazia (1,60 x 0,90 m, aproximadamente), está suspensa a 1 metro do chão. Quando as personagens passam atrás da moldura, aparecem cortadas abaixo das ancas, e só a parte superior do corpo fica iluminada. Tem-se então a impressão que as vemos, quer pelo visor de uma câmara de filmar, quer num écran de cinema. (Em linguagem cinematográfica, aparecem em plano americano.)

À direita e à esquerda da moldura, e ligeiramente chegadas à frente, duas mesas redondas de bistrot, com duas cadeiras cada.

(Quando o pano sobe, Simone e Sylvie estão sentadas, cada qual à sua mesa, com uma chávena de café e uma cadeira vazia à frente. Estão voltadas para o público e interpelam-no como se fosse ele o seu interlocutor. Nunca hão-de olhar uma para a outra. Simone veste jeans, T-shirt e blusão. Sylvie, umas calças, uma blusa aos folhos e um casaquinho; na cadeira à sua frente está um casaco de raposa.)

CENA 1

Simone e Sylvie

SIMONE A Sylvie é a minha melhor amiga.

SYLVIE A Simone é a minha melhor amiga.

SIMONE Somos actrizes.

SYLVIE Já fiz um pouco de teatro, um pouco de televisão e um pouco de cinema.

SIMONE Não quero ser mazinha, mas devo dizer-te que a Sylvie não representa muito bem... Agrada. Lá isso é verdade, agrada! Ou melhor, sabe agradar... que é diferente. Percebes o que eu quero dizer?... De vez em quando consegue um pequeno papel, ou um papel um pouco mais importante... quando vai para a cama com a pessoa certa... mas a esse respeito nunca se descose.

SYLVIE Como vais dar por isso, também to posso dizer... A Simone não é realmente uma boa actriz... Tem um ar muito cigano, uma pele baça. No género, não está mal... De vez em quando lá arranja um papel, mas não passa do mesmo. Faz de morena provocante, de puta ou de sedutora.

SIMONE A Sylvie é uma falsa loira. É assim tipo amante de luxo. Ela bem gostava de armar em senhora fina... Tenta, mas não consegue; e nota-se.

SYLVIE Por causa do meu físico, confiam-me quase sempre papéis de mulher frágil, distinta... estilo Deneuve.

SIMONE Gosto da Sylvie. Entendemo-nos lindamente... Ela é muito certinha, eu sou uma doida. Completamo-nos.

SYLVIE A Simone é engraçadíssima. Acho-a tão divertida. E acontecem-lhe sempre umas coisas incríveis... Ainda há pouco tempo ia sendo violada por uma testemunha de Jeová... que lhe queria explicar o fim do Mundo... Se a ouvisses contar a cena... Tenho a certeza que lhe acrescenta sempre qualquer coisa, mas é do melhor.

SIMONE A Sylvie só tem um defeito, mas é um defeito enorme... É... Sei lá?... É fingida... Eu a princípio não sabia. Agora conheço-a, já não ligo... (*Para o seu interlocutor.*) Mais um café?... Não, obrigada. Só posso beber um por dia, senão fico excitada... Dei-me conta de que ela é capaz de utilizar todos os meios para conseguir o que pretende... Uma vez quis convencer-me de que me tinha recomendado a um realizador, e depois vim a saber que lhe tinha dito que a minha dicção deixava imenso a desejar. Tás a ver!

SYLVIE (*para o seu interlocutor*) O quê?... Não, isso não é verdade. Eu disse muito simplesmente que ela tinha de ser dirigida... Aliás, ela nunca se ensaiou para me tramar. Havias de a ver, quando quer chamar a atenção de um realizador ou de um produtor: arranjista! Ao pé dela, o Miterrand é um menino de coro... Mas não lhe quero mal por isso. Precisa muito mais de trabalhar do que eu. E aquilo que eu disse é verdade! Ela não sabe articular. Nunca teve aulas. Não se diz «pecebe», diz-se «percebe». É ou não é?

SIMONE Representar não é coisa que se aprenda. Ou se tem jeito ou não se tem. Então aquela paranóia daqueles cursos em que nos põem a fazer de figueira ou de sardinha em lata... para mim, não dá.

SYLVIE Eu fiz dois anos de arte dramática com a Olga Stomatriscou... Fiz dança, mímica, dicção... «Um tigre, dois tigres, três tigres...

um tigre, dois tigres, três tigres... O rato roeu a rolha da garrafa do rei da Rússia»... (*Declama.*)
«Graças aos deuses, sobra-me o mal à esperança!
Louvor a ti, ó céu, por tal perseverança!
Porfiando sem tréguas em me castigar,
Ao cimo das dores me fizeste chegar.»
... Racine... Aaaaah, já se não escreve assim!

SIMONE Havias de ver a Sylvie a falar do gesto... Eu disse-lhe para ela fazer daquilo um sketch cómico...

(*Neste momento, como dois autómatos perfeitamente sincronizados, Simone e Sylvie executam exactamente os mesmos gestos, para ilustrar as palavras de Simone.*)

SIMONE Gestos sempre acima da cintura, e nunca simétricos... sempre desequilibrados... Uns gestos largos, largados, sem contenção... os movimentos da cabeça reforçados pelo olhar... O desdém dos ombros ou do queixo...

SYLVIE ... A mão que dá, que recebe, se contrai, se zanga... E depois, o antebraço, o cotovelo, o laço envolvente do braço... e o voo do peito... Aaaah, coisa bonita, o gesto!

SIMONE Numa altura em que por toda a parte as pessoas representam com o dedo no nariz, a coçar a orelha, a falar com a boca cheia, ELA, ela comédie-Françaaaaize, ela Shakespearize, ela Sacha-Guitryze.

SYLVIE Tentei explicar à Simone aquilo que lhe falta... a projecção. A projecção é TUDO. Sabes o que é que ela me respondeu?... «Eu projecto a partir de dentro.»

SIMONE (*para o seu interlocutor*) Que horas são?... Desculpa, tenho de me ir embora. Vamos as duas fazer um teste... Se ela ainda não

foi para a cama com o realizador, pode ser que eu fique com o papel.

(*Simone levanta-se, pega nas suas coisas, debruça-se, dá dois beijinhos... enquanto Sylvie consulta o relógio, agarra no casaco e levanta-se também.*)

SYLVIE Desculpa, esqueci-me das horas, tenho de me ir embora. (*Atira um beijo.*) Ciao.

(*Simone e Sylvie voltam-se, encaram uma com a outra, caem nos braços uma da outra, abraçam-se, cumprimentam-se com um beijo.*)

SIMONE Sylvie!

SYLVIE Simone!

SIMONE Estás boa?

SYLVIE E tu?

SIMONE E tu?

SYLVIE Estou óptima.

SIMONE Nota-se.

SYLVIE Ah sim? Porquê?

SIMONE Estás maravilhosa.

SYLVIE Tu também.

SIMONE Ora, ora...

SYLVIE Palavra, a sério.

SIMONE Então que tal? Pronta?

SYLVIE E tu?

SIMONE Estou com medo, é o costume.

SYLVIE Já decoraste o texto?

SIMONE Sim... E tu, já conheces o realizador?

SYLVIE Não. Parece que é um tipo muito novo e que é a primeira longa metragem que vai fazer.

SIMONE Conheces o produtor?

SYLVIE Nem pouco mais ou menos; mas conheço o argumentista.

SIMONE Ah... e conhece-lo bem?

SYLVIE Assim-assim. Almoçámos juntos. É muito simpático... Sabes que eles têm dois papéis para distribuir?

SIMONE Não. Não sabia.

SYLVIE Foi o Michel que me disse.

SIMONE O Michel?

SYLVIE O argumentista. Há o papel da Françoise, e depois há a criada, que morre no incêndio.

SIMONE O incêndio é no princípio do filme! A criada nem tem tempo de fazer nada!...

SYLVIE É um papel de composição. Adora o miúdo e detesta a mãe.

SIMONE Volta-se para a esquerda e olha para o miúdo, volta-se para a direita e olha para a mãe, e depois… foge com ela.

SYLVIE Nem penses; o papel tem texto.

SIMONE A produção como é que é?… Os tipos têm massa?…

SYLVIE O orçamento é curto. Aposto que nos querem pagar à percentagem.

SIMONE Olha que merda! Eu não pago a renda de casa à percentagem!… Tu a que horas vais?

SYLVIE Vou a seguir a ti.

SIMONE Se calhar, o melhor é preparar-me.

(*Tira uma folha de papel do bolso do blusão, lê o texto mais uma vez.*)

SYLVIE Vou andando… Muita merda.

(*Simone agradece com um sorriso e vai colocar-se à direita da moldura. Durante alguns segundos, relê o texto. Sylvie sai de cena e vai instalar-se na sala, num fauteuil da primeira fila. Vai fazer a avaliação…*)

O palco escurece, a moldura ilumina-se.
Simone surge na moldura.

CENA 2

Simone

SIMONE (*para o público*) Estou pronta. (*Dá um passo para a esquerda, como se lhe tivessem indicado um lugar.*) … Aqui?… Mais para a esquerda?… (*Volta para o centro.*) Aqui?… Está bem aqui?… A pessoa com quem estou a falar está à minha frente, à minha direita ou à minha esquerda?… Okay. (*Volta-se ligeiramente para olhar para a esquerda.*) Importa-se de me dizer se me posso mexer ou se tenho de ficar sempre no mesmo sítio?… Okay. Estou pronta…

(*Simone vai interpretar o seu monólogo sem se mexer, sem fazer um único gesto, com uma intensidade que pretende completamente interior.*)

SIMONE Pois olha: não!… Não, não e não, Philippe. Não me hás-de sacrificar ao teu orgulhozinho de homem achincalhado. És igual aos outros. Precisas de saber que nenhum homem, antes de ti, me conseguiu arrancar roncos de prazer, que a minha carne só estremeceu nos teus braços… Não te bastava eu colocar todas as noites no altar da tua virilidade os espasmos, os tremores, esses «Ah, querido, dás cabo de mim», «Oh, meu amor, que bom que é», aqueles «nunca», «sempre», «mais», os gritos, os gemidos. Não te bastava acreditar… (*Pára.*) … Não te bastava acreditar… (*Tosse, pigarreia.*) Desculpe… (*Volta a tossir.*)

(*Sylvie sopra da sala.*)

SYLVIE Tinha de me contorcer debaixo de ti.

SIMONE Tinha de me contorcer debaixo de ti, para te dar a impressão de que tinhas saciado a tua fêmea… Mas isso não bastava… Sua

Excelência sabia que Carlos tinha existido. Carlos, com o seu belo corpo musculado, o sorriso luminoso, o olhar de veludo. Carlos, o verdadeiro macho.

(*Pára, lança a cabeça para trás, passa as mãos pelo cabelo, imobiliza-se alguns segundos, depois endireita a cabeça, como se alguém tivesse gritado «Corta».*)

SIMONE (*para o público*) À minha esquerda ou à sua?... (*Mostra o perfil direito, depois o esquerdo, depois fica de frente, sorri.*) ... Tenho vinte e quatro anos... Fiz um pouco de tudo, mas não muito de nada... Deram-me o segundo papel feminino no último filme do Lacombe... Não, não era essa, era a outra... Não tenho agente. Já dei o meu contacto ao seu assistente... Obrigada...

(*Simone sai da moldura. O palco ilumina-se. Sylvie junta-se a Simone.*)

CENA 3

Simone e Sylvie

SIMONE (*enervada*) Que merda! Fiz uma cagada.

SYLVIE Nada disso.

SIMONE Claro que fiz. Vão pensar que não sou capaz de decorar um texto.

SYLVIE No conjunto foi bem.

SIMONE Estive que tempos sem saber se havia de interiorizar ou exteriorizar, mas depois achei que interiorizando lhe dava mais força. Achas que teve força?

SYLVIE Imensa.

SIMONE A sério? Ou dizes isso para seres simpática?

SYLVIE Palavra, a sério.

SIMONE Não achas que interiorizei de mais?

SYLVIE Não.

SIMONE É uma mulher que sofre, não é?

SYLVIE Claro.

SIMONE Então tem mesmo de sofrer... interiormente.

SYLVIE Claro.

SIMONE Se exterioriza demasiado... quer dizer que sofre menos... interiormente. Percebes?

SYLVIE Claro.

SIMONE Bem... tanto se pode interiorizar como exteriorizar. Eu senti que tinha de... interiorizar. (*Pausa.*) Tu como é que lhe vais pegar?

SYLVIE ... Não sei.

SIMONE Estás com medo?

SYLVIE Já fiz os meus exercícios de respiração.

SIMONE Disseste-me um dia que mos havias de ensinar.

SYLVIE Combinado. É facílimo. Vais ver.

SIMONE E resulta?

SYLVIE Olha para mim. Achas que estou tensa?

SIMONE Não.

SYLVIE Desculpa, estão a chamar-me.

SIMONE Olha, muita merda!

(*Simone sai de cena e senta-se na sala. Sylvie, dando-se ares de grande vedeta, despe o casaco de raposa e, lentamente, vai colocar-se no meio da moldura... O palco escurece. A moldura fica iluminada... Sylvie*

imobiliza-se, com a cabeça caída para a frente, os braços cruzados, numa atitude de profunda concentração...)

SIMONE (*para o público*) Não pode ser: que grande fiteira!

CENA 4

Sylvie

(*Mais uns segundos de concentração, e Sylvie ergue subitamente a cabeça e lança-se num monólogo arrebatado, exasperado, mordaz, sarcástico… completamente «exteriorizado».*)

SYLVIE Pois olha, não, não, não e não, Philippe… Não me hás-de sacrificar ao teu orgulhozinho de homem achincalhado… Aaaah, és igual aos outros. Precisas de saber que nenhum homem, antes de ti, me conseguiu arrancar rrrroncos de prazer, que a minha carne só estremeceu nos teus braços… Não te bastava eu colocar todas as noites no altar da tua virilidade… os espasmos… os tremores, esses «Aaaah, querido, dás cabo de mim»… «Ooooh, meu amor, que bom que és»… aqueles «nunca», «sempre», «maaaais», os gritos, os gemidos… Tinha de me contorcer debaixo de ti, para te dar a impressão de que tinhas saciado a tua fffêmea… Mas isso não bastava… (*Ri às gargalhadas.*) Sua Excelência sabia que Carlos tinha existido… Carlos, com o seu belo corpo musculado… o olhar de veludo… Carlos, o verdadeiro maaacho… (*Baixa as pálpebras sobre um sorriso carnívoro…*)

(*Pausa de alguns segundos.*)

SYLVIE (*para o seu interlocutor*) … Diga?… O meu perfil mais favorável? Não sei… Escolha… (*Mostra o perfil da direita, depois o da esquerda.*) Acha?… Pronto, eu não me vou esquecer…

CENA 5

Simone e Sylvie

SIMONE (*para o público*) Fez exactamente o contrário do que eu fiz. Como eu interiorizei, ela resolveu exteriorizar. Se há bocado eu não lhe tivesse dito nada, ela havia de interiorizar, como eu… Nem sequer vale a pena perguntar de qual das duas é que vão gostar mais… Esta aqui é completamente postiça, mas é espectacular. Toda a gente vai adorar… Com tantos «Aaaah», «Oooooh», e depois aquela gargalhada!… Francamente!…

(*Simone volta para o palco para se juntar a Sylvie, mas pára à beira da moldura, porque Sylvie está a conversar com o realizador…*)

SYLVIE … Sim, fiz vários cursos de arte dramática… Tenho vinte e seis anos… Ultimamente?… Fiz de Mireille, a jovem condessa de Rouvert, com o Delon… É evidente que se podia dizer isto de uma maneira mais introvertida, se aquela mulher já tivesse tido tempo de assimilar a sua dor, mas como a desilusão é recentíssima, a reacção é mais quente… Claro, tem toda a razão… É isso mesmo… Pois claro, exactamente, eu também acho…

(*O palco ilumina-se. Sylvie sai da moldura e continua a falar para o seu interlocutor. Passa em frente de Simone sem a ver…*)

SYLVIE … Pois, é efectivamente um primeiro nível… que a pouco e pouco se transforma em segundo nível… Sim, sim… Tem toda a razão…

(*Sylvie sai de cena, como se fosse a acompanhar alguém.*)

CENA 6

Simone

SIMONE (*parodiando as «maneiras» de Sylvie*) É efectivamente um primeiro nível, que a pouco e pouco se transforma em segundo nível... Tem toda a razão... A reacção tem de ser mais quente... e eu, se soubesse como eu sou quente... experimente e verá... Primeiro o argumentista, e agora o realizador. Não viram o olhar dela, no fim?... Nem o sorriso? Não viram aquele sorriso carnívoro?... Vai deixar o realizador feito num oito... «Aaah! O meu perfil esquerdo é o mais favorável? Olhe que não sabia»... Não sabia, uma ova! Já lho disseram dezenas de vezes. (*Sorri com simpatia para o lado esquerdo, e aproxima-se de um interlocutor imaginário.*) Muito obrigada... Gostou mesmo?... Claro, eu interiorizei muito mais, não exteriorizei... Não acha que aquela mulher teve tempo de assimilar a sua própria dor?... Sim, sim... Mas pronto, são duas interpretações válidas... Tem toda a razão... É exactamente isso que eu acho, passa-se do primeiro nível para o segundo e vice-versa... Como? Esta noite?... Não, tenho imensa pena, não estou livre... Vou jantar a casa de uns amigos... Sim, talvez... Não, nunca tive lições... Acredita que é possível aprender a representar?!...

Escuro.

CENA 7

Sylvie e Simone

(*Quando as luzes se acendem, Simone e Sylvie estão novamente sentadas, cada qual à sua mesa, voltadas para o público.*)

SYLVIE A Simone é a minha melhor amiga.

SIMONE A Sylvie é a minha melhor amiga.

SYLVIE Tenho vinte e seis anos e sou casada.

SIMONE Tenho vinte e quatro anos. Não sou casada, mas tenho um amante.

SYLVIE Eu também tenho um amante... O amante DELA... mas ela não sabe.

SIMONE A Sylvie é casada, mas tem um amante. Contou-me tudo, mas não me quis dizer o nome dele.

SYLVIE Era só o que faltava!

SIMONE Parece que é um homem casado, e ela não o quer comprometer.

SYLVIE É verdade... O amante DELA é casado.

SIMONE Estou farta de tentar adivinhar entre todos os homens casados que conhecemos...

SYLVIE Só não contou com o amante dela.

SIMONE ... e estou convencida que descobri.

SYLVIE Está convencida que descobriu.

SIMONE Intuição feminina.

SYLVIE Não vou desenganá-la.

(*Pausa, durante a qual ambas se mostram contentes...*)

SIMONE Sou tão simpática... para lhe facilitar os programas extra-conjugais, até lhe empresto o meu estúdio.

SYLVIE Sempre que o amante não pode ir ter com ela... porque prefere estar nos meus braços.

SIMONE Ainda não te disse, mas o meu amante é um homem casado. Trabalha nos seguros. Só nos podemos encontrar duas tardes por semana... quando anda em prospecção na periferia.

SYLVIE O amante dela é angariador de seguros. Só nos podemos encontrar às segundas e quintas à tarde... que é quando ele diz à mulher que anda em prospecção na periferia... Não, não há perigo de a Simone nos surpreender em casa dela... porque nesses dias... estás-me a ouvir... ela vai visitar A MULHER do amante.

SIMONE A Mireille... a mulher do meu amante... é uma amiga de infância. Gostamos muito uma da outra... Perdemo-nos de vista durante imenso tempo, e depois voltámos a encontrar-nos... Claro que me faz pena ter-lhe roubado o Jacques, mas...

SYLVIE O coração tem razões que a razão desconhece.

SIMONE ... Se eu... para ser impecável... deixasse de a ver... sem mais nem menos, sem qualquer explicação... ela desconfiava.

SYLVIE Então não é?

SIMONE ... Aqui há pouco tempo ela confessou-me que também tinha um amante... E então deixei de ter tantos remorsos... Eu não disse nada ao Jacques, só para não atraiçoar a confiança de uma amiga.

SYLVIE Ela a mim disse-me... e eu disse ao Jacques... É normal, a Mireille não é minha amiga!... Não acho que seja maldade... Ouve... A Simone dorme com o marido da melhor amiga dela, eu durmo com o amante da Simone, o Jacques engana a mulher, eu engano o meu marido e a mulher do Jacques engana-o a ele... Assim há uma espécie de equilíbrio que nos impede de nos censurarmos mutuamente... e o Jacques, além disso, já não gosta da Simone.

SIMONE O Jacques?... O Jacques adora-me, enche-me de mimo... Sou a gatinha dele. Ele é o meu gatarrão... Quando estamos juntos é só miau-miaus e ronrons...

SYLVIE Mas ele agora fartou-se da gata... e quer «desengatar-se», como ele diz... Eu proibi-o de deixar a Simone... Não é por ela nos emprestar o estúdio. Nada disso... É uma amiga, e não quero vê-la sofrer... Ela vive sozinha... e para mais... se ele a deixa a ela, ele ainda se agarra mais a mim... O Jacques é amoroso, delicadíssimo, mas... Quando decidi enganar o meu marido, não foi para o enganar SÓ UMA vez, sempre com o MESMO homem.

SIMONE Sou uma mulher muito fiel.

SYLVIE É uma mulher livre.

(*Voltam-se as duas, e encaram uma com a outra...*)

SYLVIE Simone!

SIMONE Sylvie!

SYLVIE Senta aqui um bocadinho.

(*Simone senta-se à mesa de Sylvie.*)

SYLVIE Tás boa?

SIMONE E tu?

SYLVIE Óptima.

SIMONE Nota-se.

SYLVIE Ah sim?... Porquê?

SIMONE Estás maravilhosa.

SYLVIE Tu também.

SIMONE Gosto imenso do teu tailleur.

SYLVIE Foi o que eu levei para o teste.

SIMONE Não tinha reparado; é lindo.

SYLVIE Comprei nos saldos.

SIMONE Por quanto?

SYLVIE É um modelo. Custava dois mil e quatrocentos francos.

SIMONE E deste quanto?...

SYLVIE Metade.

SIMONE Não pode ser!

SYLVIE Juro.

SIMONE Mil e duzentos?!

SYLVIE E é todo forrado.

SIMONE Onde?

SYLVIE Por dentro, evidentemente!

SIMONE Não é isso. Onde é que o compraste?

SYLVIE Numa boutique... para os lados da Madeleine.

SIMONE Na «Dégriffé»?

SYLVIE Não, na «Différence».

SIMONE Soubeste alguma coisa dos testes?

SYLVIE Ah, é verdade. Estive para te telefonar ontem à noite, mas passou-me... Querem ficar com as duas.

SIMONE Eu faço de criada?

SYLVIE Fazes... Queriam assim uma morena como tu...

SIMONE Até posso falar com sotaque espanhol... (*Com sotaque.*) «Tem de telefonar outra vez, porque a madame ainda não chegou.»

SYLVIE Não te aflijas. Aquilo é um filmezinho de chacha.

SIMONE E pago à percentagem... Quem foi que te disse que ficávamos as duas?

SYLVIE O Gérard.

SIMONE O Gérard?

SYLVIE O realizador. Encontrei-me com ele. Queria entregar-me o guião.

SIMONE (*com sotaque espanhol*) E para Conchita não há nem uma página de guião?

SYLVIE Eu vou-lhe pedir.

SIMONE (*com sotaque*) A senhora vai lá amanhã à tarde?

SYLVIE Onde?

SIMONE A minha casa. Amanhã é quinta... é dia de pecado.

SYLVIE Não, não posso. Era para te falar nisso, aliás. Vou almoçar com o Michel... Sabes, o argumentista... Quer conversar comigo acerca do meu papel.

SIMONE Não te esqueças de lhe dizer que posso falar com sotaque espanhol.

(*Sylvie ri e depois consulta o relógio.*)

SYLVIE Desculpa, querida. (*Levanta-se.*) Tenho de me despachar. Tenho um casting daqui a uma hora... Nada de especial, é um anúncio para sapatos. Precisam de loiras.

(*Despedem-se com um beijo. Sylvie sai pela esquerda.*)

CENA 8

Simone

SIMONE ... Precisam de loiras!... para sapatos!... Os homens preferem as loiras... Os homens gostam do amarelo... Amarelo e rosa, que enjoo... Quem viu uma loira, viu-as todas. Que será que as loiras têm a mais que as morenas? Vá, respondam!... Sylvie... sou eu... Deslavada!
(*Canta.*)
Bem juntinho às loiras,
ai que bom, que bom que é,
bem juntinho às loiras,
que bom que é dormir.
Mas é co'as morenas,
ai, pois é, pois é, pois é,
mas é co'as morenas
que ele se põe de pé...
As loiras já fartam,
morenas é que é!
(*Declama.*)
«Allons enfants de la patrie: Vivam as morenas!»
(*Furiosa.*) Estou farta de pertencer ao rebanho a que se vai buscar uma loira, uma magra, uma alta com as mamas assim ou o cu assado... Os argumentistas, os realizadores, dão largas aos seus fantasmas, e para lhes darem corpo decidem que precisam absolutamente, mas absolutamente, de uma pequena com uma boca assim... não de uma actriz, de uma boa actriz, da melhor actriz... Não: querem é uma boa atrás... Diógenes com a lanterna... (*Mima o filósofo empunhando a lanterna, à procura.*) «Procuro uma actriz... Não, não é um modelo, é uma actriz...

Não, a Miss França não, nem a Miss Casino, Miss Topless, Miss Músculo, uma actriz... Não, uma amante não, uma actriz... Procuro uma actriz...» (*Pausa.*) Ah, se nada disto fosse assim!...

(*Ouve-se bater à porta.*)

SIMONE Entre.

CENA 9

Simone e Sylvie

(*Sylvie aparece à esquerda. Está de calcinhas e soutien, traz a roupa no braço. Simone tira um bigode do bolso do blusão e cola-o debaixo do nariz; puxa de um enorme charuto, crava-o entre os dentes, recosta-se na cadeira, põe os pés em cima da mesa e parodia os produtores.*)

SIMONE Como é que se chama?

SYLVIE Sylvie Laurasse.

SIMONE Vem da parte de quem?

SYLVIE Do meu agente.

SIMONE E porquê?

SYLVIE Porque sou loira.

SIMONE E depois?

SYLVIE E depois o quê?

SIMONE É loira, e depois?

SYLVIE Disseram-me que o realizador queria uma loira.

SIMONE Para quê?

SYLVIE ... Não faço ideia.

SIMONE Você acha que ele tem razão? Acha que o público, quando vir aparecer uma loira no écran vai dizer: «Cá está uma mulher terrível, perversa, capaz do pior... e na qual o herói não pode confiar»?

SYLVIE .....?

SIMONE Além disso, porque é que se despiu?

SYLVIE Disseram-me que a loira tinha de...

SIMONE De quê?

SYLVIE De se despir.

SIMONE Para mim, ou durante as filmagens?

SYLVIE .....

SIMONE Vista-se, e vá para ali.

(Simone aponta para a moldura. Sylvie enfia precipitadamente as calças e a blusa, e vai acabar de vestir-se atrás da moldura. A moldura ilumina-se. O palco escurece.)

SIMONE Diga-me: «Odeio-te. Nunca mais te quero ver. És ignóbil.»

SYLVIE ... Não é fácil... assim, do pé para a mão.

SIMONE Claro que é fácil. Você odeia-me porque eu posso TUDO o que eu quiser, contratá-la ou pô-la na rua. Posso pedir TUDO o que quiser, e você COISA NENHUMA... Dou-lhe alguns segundos para você me provar que é excepcional... e não se esqueça que há umas dez mil lá fora, à espera de vez... Enquanto você não for uma estrela, é descartável e substituível... VOCÊ precisa de

mim... EU não preciso de si... Consequentemente, você odeia-me e eu sou ignóbil.

SYLVIE (*com raiva*) Odeio-te. Já não te quero ver. És abominável.

SIMONE Pronto, agora a relação já funciona... Diga: «Proíbo-te de me apalpares o cu», e faça-me rir.

SYLVIE Rir?!

SIMONE Sim. Diga isso com graça.

SYLVIE (*fingindo-se chocada*) Proíbo-te de me apalpares o cu.

SIMONE Não teve graça. Repita.

SYLVIE (*fingindo-se furiosa*) Proíbo-te de me apalpares o cu.

SIMONE Continua a não ter graça. Arranje outra maneira.

SYLVIE (*enervada*) Diga-me como é que quer que eu faça, que eu faço.

SIMONE (*gritando*) Não digo. A actriz é VOCÊ.

SYLVIE (*gritando*) Dirija-me.

SIMONE Diga isso a chorar.

SYLVIE A chorar?!

SIMONE Sim.

SYLVIE (*choramingando*) Proíbo-te de me apalpares o cu.

SIMONE Eu não disse a choramingar. Disse a chorar...

SYLVIE (*chorando de raiva*) Proíbo-te de me apalpares o cu.

SIMONE Está bem. Agora recite qualquer coisa. Uma coisa qualquer.

(*Sylvie pensa um instante.*)

SYLVIE «Tive em tempos um criado da Gasconha,
bêbado, guloso, e grande mentiroso,
gatuno, blasfemo, embusteiro, manhoso,
que à légua mostrava ser suspeito,
mas em tudo o mais moço perfeito...»

SIMONE De quem é isso?

SYLVIE Marot... Clément Marot.

SIMONE Pronto. Já chega. Deixe ficar o seu número de telefone, depois contactamos consigo.

(*Sylvie sai da moldura. O palco fica iluminado.*)

SIMONE Que é que faz esta noite?

SYLVIE ... Nada.

SIMONE E se fôssemos jantar juntos?

SYLVIE ... Por mim... pode ser.

SIMONE Depois vamos até minha casa... para falar do seu papel.

SYLVIE (*encantada*) Vou ficar com o papel?

SIMONE Amanhã lhe direi. (*Longa pausa.*) ... Se eu achar, neste momento, que você é uma péssima actriz, parece-lhe que depois de dormir consigo eu passo a achar que você é uma grande actriz?

SYLVIE .....

SIMONE E se eu achar neste momento que você é uma boa actriz, parece-lhe que, recusando-se a dormir comigo, eu não lhe vou confiar o papel?

SYLVIE ... Não faço ideia.

SIMONE Sério?... Mas olhe que é muito simples, querida Sylvie Laurasse. Bastava saber se procuro uma actriz, ou uma amante... ou se pretendo encontrar as duas de uma assentada.

(*Sylvie senta-se à frente do «produtor».*)

SYLVIE (*sedutora*) Eu podia... ser as duas.

SIMONE (*friamente*) Uma e outra de igual qualidade?

SYLVIE Sendo eu actriz, você não daria por nada.

SIMONE É portanto necessário que saiba representar.

SYLVIE E que VOCÊ saiba reconhecer um talento... quando está na presença de um talento.

SIMONE A menina é descarada.

SYLVIE Não é o charuto, nem a carteira, que faz um produtor. E... antes de mais nada... havia de o sujeitar a uma provazinha.

SIMONE (*divertida*) Está a brincar.

SYLVIE (*apontando para a moldura*) Ponha-se ali.

(*Simone não se mexe.*)

SYLVIE Vamos lá, vá... e deixe aqui ficar o charuto; só lho devolvemos se o merecer.

(*Simone vai colocar-se atrás da moldura.*)

SYLVIE Luzes...

(*A moldura fica iluminada, o palco escurece.*)

SYLVIE Como é que se chama?

SIMONE Simon Capital.

SYLVIE Fale-me das suas produções. Foi produtor de quê?

SIMONE (*baixo*) «A Barriga».

SYLVIE Não ouvi nada.

SIMONE «A Barriga».

SYLVIE Fale mais alto.

SIMONE (*gritando*) «A BARRIGA».

SYLVIE Para quê outra produção d'«A Barriga», se isso já foi feito?... Já se fez «A barriga de Cleópatra», «O estômago de Belmondo», «Os abdominais de Rambo», «Úlceras do terceiro grau», «O baixo-ventre de Emmanuelle», «Prisão-de-ventre um, dois, três e quatro». Para quê então «A Barriga»?

SIMONE Dá dinheiro.

SYLVIE Quanto?

SIMONE Muito.

SYLVIE Fale-me de cultura.

SIMONE (*recitando*) Meio de conservar, aumentar e utilizar certos produtos naturais. Dá-se o nome de meios de cultura a certos sistemas nutrientes, de que são exemplo os caldos nutritivos — extractos e infusos de carne.

SYLVIE Nada disso. Não percebeu nada. Refiro-me à CULTURA... literária, artística, filosófica.

SIMONE Para quê? Para quem?

SYLVIE Ora, para poder dizer: «O lento soluço dos violinos do Outono embala meu peito num dolente sono».

SIMONE Quê?!

SYLVIE «E viam subir no firmamento, do mar profundo, as novas estrelas.»

SIMONE Quais estrelas?

SYLVIE «Já o tempo despiu seu capote de vento, friagem e chuva.»

SIMONE Que conversa é essa?

SYLVIE «O homem de gosto explicou claramente de que maneira uma peça podia ter algum interesse e não ter mérito quase nenhum; provou em poucas palavras que não bastava arranjar uma ou duas daquelas situações que se encontram em todos os romances, e que seduzem sempre o espectador, mas que é preciso ser-se novo sem ser bizarro, ser-se muitas vezes sublime e sempre natural; conhecer

a alma humana e pô-la a falar; ser-se grande poeta sem que nenhuma personagem da peça jamais se mostre poeta; conhecer perfeitamente a sua língua, falá-la com pureza... e uma harmonia constante...»

SIMONE Quem foi que disse isso?

SYLVIE Voltaire.

SIMONE Mas tudo isso acabou. As pessoas querem lá saber.

SYLVIE NÃO acabou.

SIMONE Acabou SIM.

SYLVIE E Racine, então?

SIMONE Fica para as escolas.

SYLVIE A Regra do Jogo.

SIMONE Na cama com Madonna.

SYLVIE Charlie Chaplin.

SIMONE Os Três Estarolas.

SYLVIE Sai-me daí. Estás a ocupar um espaço iluminado que atrai o olhar. Despertas uma atenção que não mereces. (*Fala para a régie.*) Apaguem o projector...

(*A moldura apaga-se. O palco ilumina-se.*)

SIMONE (*voltando para junto de Sylvie*) O que tu acabaste de fazer é demasiado fácil.

SYLVIE Tira-me esse bigode, por favor.

SIMONE Tentaste fazer-me crer que o produtor é um pobre diabo, para me poderes explicar por que razão TE armas em puta quando queres sacar um papel.

SYLVIE Não me armo em puta. Agrado e há quem me agrade, é só.

SIMONE Há «quem» te agrade. Quantos são eles, nesse «quem»?

SYLVIE Não tenho contas a dar-te.

SIMONE Nem ao teu marido, nem ao teu amante?

SYLVIE Já não tenho amante.

SIMONE Haverá QUEM saiba que o lugar vagou?

SYLVIE Cuidado, Simone, estás com a inveja à mostra.

SIMONE (*para o público*) Minhas Senhoras e meus Senhores, vejam-me a invejar uma falsa loira, uma falsa actriz, uma falsa viciosa, uma falsa amiga... Uma verdadeira falsidade... (*Volta-se para Sylvie, e, à maneira da tragédia antiga, cai de joelhos, bate no peito, puxa os cabelos, contorce-se, num lamento...*) Aaaah, Sylvie... Porque haviam os deuses de cobrir-te a ti de benesses sem par? E quando vim ao mundo, porque não teriam eles mais nada para dar?... Cruel destino este, que te cobre de luz, e a uma sombra triste e pardacenta me reduz. Pela soma dos anos já não espera a fama, e eu vejo como a multidão te aclama, te arrebata e ergue, alterosa chama... Ninfa loira de corpo grácil e cintura fácil, como eu te invejo... Aaaah, como eu te invejo, a ti... Sylvie.

(*Lança-se para a frente, com um braço estendido para Sylvie... Sylvie aplaude. Simone levanta-se e retribui os aplausos com uma vénia.*)

SYLVIE Bravo!... «Sombra triste e pardacenta»... Muito bonito.

SIMONE E a cintura fácil?

SYLVIE Achei fácil... (*Pausa.*) Mas gosto de ti na mesma.

SIMONE Também eu.

SYLVIE És realmente a minha melhor amiga.

SIMONE Também tu.

SYLVIE Porquê?

SIMONE Como «Porquê?»... Queres que eu aprofunde a questão?

SYLVIE Quero.

SIMONE Pois bem... primeiro... não tenho mais ninguém.

SYLVIE Isso é porque não tens por onde escolher.

SIMONE Depois... és diferente de mim.

SYLVIE Isso são os extremos que se tocam.

SIMONE Tu não és um extremo, porque te compreendo.

SYLVIE Compreendes mal.

SIMONE Muito bem, até.

SYLVIE Atribuíste-me todos os defeitos, para poderes dizer: «Eu não sou como ela. Sou melhor.»... Tu existes... por oposição.

SIMONE Por oposição?!

SYLVIE Absolutamente. Se engano o meu marido, és fiel ao Jacques. Se eu «exteriorizo» a representar, tu «interiorizas». Quanto melhor me visto, mais tu usas jeans. Se frequento a alta, tu abandalhas-te.

SIMONE Somos diferentes! Tu és loira. Eu sou morena.

SYLVIE Sou uma falsa loira.

SIMONE Mas adoptaste a psicologia das loiras. Tu é que vives em oposição.

SYLVIE Compra uma peruca.

SIMONE Detesto fazer de conta.

SYLVIE És actriz.

SIMONE (*apontando para a moldura*) Sou actriz, ali.

SYLVIE E aqui, és mulher... Ser actriz e mulher, é ser actriz duas vezes.

SIMONE És pior que o mais misógino dos homens.

SYLVIE Sou lúcida.

SIMONE És calculista.

SYLVIE E tu?... Nunca calculas?

SIMONE Basta. Estás-me a irritar...

(Sylvie vai sentar-se à mesa da esquerda, de costas voltadas para Simone. Durante algum tempo, Simone olha para a amiga, sem dizer nada,

até que... deita-lhe a língua de fora, com esgares de bruxa... Sylvie volta-se de repente e surpreende Simone.)

SYLVIE Eu sabia.

SIMONE O quê?

SYLVIE Que me detestavas... lá no fundo.

SIMONE Nada disso, estava a representar.

SYLVIE (*apontando para a moldura*) Julguei que só representasses ali.

(*Simone senta-se à mesa da direita, de costas voltadas para Sylvie... Sylvie levanta-se, contempla a amiga, sem dizer palavra, e deita-lhe também a língua de fora, com esgares de bruxa... Simone volta-se de repente e surpreende Sylvie.*)

SIMONE Também tu, Sylvie...!

(*Sylvie senta-se à mesa, furiosa, e amua. Simone volta-se para o outro lado e amua também.*)

SIMONE (*sem se voltar*) SE tu fosses a minha melhor amiga...

SYLVIE (*sem se voltar*) SE eu fosse a tua melhor amiga...

SIMONE (*na mesma*) Compreendias-me.

SYLVIE (*na mesma*) Compreendia-te, e tu também não.

SIMONE Estamos quites.

SYLVIE Estamos.

SIMONE (*voltando-se*) Andas a enganar-me.

SYLVIE (*voltando-se*) Como assim?

SIMONE Não sei, mas sinto.

SYLVIE Cuidado, Simone. Guarda o truque da intuição feminina para os homens; para mim, não.

SIMONE Cuidado, Sylvie. Não pregues a mentira se pretendes a verdade.

SYLVIE Estás a mover-me um processo de intenção.

SIMONE Porque te defendes como se fosses culpada.

SYLVIE Não me defendo, estou na defensiva, que é diferente.

SIMONE Não te estou a atacar.

SYLVIE Estás ressentida.

SIMONE (*alto*) ESTOU.

SYLVIE (*alto*) PORQUÊ?

SIMONE Não somos cúmplices, somos rivais.

SYLVIE Por tua culpa. Tu não queres UM papel, queres sempre o meu papel.

SIMONE O TEU?!... mas esse papel nunca é de ninguém! Só passa a ser de alguém depois de... depois de o interpretarem, depois de uma boa interpretação... depois de uma interpretação inesquecível.

SYLVIE Nem isso... Às vezes, basta uma frase inesquecível: «Play it, Sam».

SIMONE ... Diz-me cá, Sylvie... Então e nós?

SYLVIE «Zat is ze question.» O nosso problema, é que nunca sabemos... nem nós nem os outros, aliás, e é por isso que fazemos testes, e testes, e mais testes... para tentar provar que podíamos estar apaixonadas ou ser tagarelas, castas ou safadas, finas ou chaladas...

SIMONE E quando se decidem, ficamos fulas, porque nos dão sempre o mesmo papel.

SYLVIE Toda a gente sabe perfeitamente... que os realizadores não têm imaginação nenhuma... (*Pega na cadeira que está à frente dela e volta-a para Simone.*) Estamos a representar para uma cadeira VAZIA... Não, para um espectador transparente. (*Fala para a cadeira.*) Prefere o drama ou a comédia? (*Inclina-se para ouvir a resposta, depois volta-se para Simone.*) Não se pronuncia. (*Para a cadeira.*) Prefere as loiras ou as morenas? As falsas magras ou as gordas autênticas? (*Para Simone.*) Continua sem se pronunciar.

SIMONE Quer que a gente adivinhe o que ele prefere.

SYLVIE Quer que a gente corra um risco, o sacana.

SIMONE (*para a cadeira*) SACANA.

(*Simone e Sylvie começam a andar à volta da cadeira. Estudam-na, observando-a sob todos os ângulos.*)

SIMONE A modos que não lhe interessamos.

SYLVIE Acabas de cair na armadilha que ele te armou... cala-se, e tu interpretas esse silêncio.

SIMONE Que é que lhe havemos de fazer?

SYLVIE Qualquer coisa... logo se vê.

SIMONE Deixa cá experimentar a «Ficção-ventrífica». (*Para a cadeira, fazendo voz de robot.*) Sou OXM 19 ... Venho do planeta Pepsi... Tenho um corpo admirável... para fazer amor comigo, basta acariciar-me com a ponta do nariz. (*Para Sylvie.*) Que diz ele a isto?

SYLVIE Nada... Está-se a preparar. Assoou-se.

SIMONE Eu QUERO uma opinião.

SYLVIE Espera... (*Tira uma moeda do bolso do casaco.*) Cara, gostou, c'roa, não gostou. (*Lança a moeda ao ar, apanha, olha.*) Gostou.

SIMONE (*triunfalmente*) Ta, ta, ta, TAAAA... Vou ganhar o Óscar da melhor actriz... Agora és tu.

SYLVIE Deixa-me propor-lhe uma «Ventro-comédia».

SIMONE Põe-te a pau, Sylvie. Fazer de mulher divertida é difícil.

SYLVIE Não é nada. Repara... Basta quebrar a imagem... Sedução... (*Deixa-se cair numa cadeira, assume uma pose masculina.*) Então, franguinho?... Vamos a isso?!... ... Doçura... Gosto de ti... és cá um pêssego.... Fragilidade... (*Ergue-se de um salto. Poses e gestos de karaté.*) Atuuu... Uaaah... Xotuuu... Zaaak... Bela patada.... aii!... Consoladora dos aflitos... Oooh, a senhora é má, fez dóidói ao menino.

SIMONE Cala-te. Ele está em pânico.

SYLVIE Talvez prefira um «Meloventrodrama»... Sou tuberculosa... (*Tosse.*) Orfãzinha... e pobre.

SIMONE Pára, que horror. Primeiro, a doença é antiquada... depois, as orfãzinhas da tua idade não metem dó a ninguém... e quanto aos pobres...

SYLVIE Quanto aos pobres, o quê? Os pobres são o máximo. O tema ainda não foi bem explorado.

SIMONE É um tema triste.

SYLVIE Sou uma pobrezinha que ganhou o totoloto.

SIMONE Assim é melhor. Estás a fazê-lo sonhar.

SYLVIE Mas perco toda a minha fortuna.

SIMONE É bem feito! Ele não gosta que os outros tenham sorte.

SYLVIE Então... dou em puta.

SIMONE Vais fazer «porno-ventre».

(*Sylvie avança para a cadeira, bamboleando-se.*)

SYLVIE Só um pouco de «ventroerotismo».

SIMONE Manda a moeda ao ar, para ver se ele gostou.

SYLVIE É inútil. Eu sei que gostou.

SIMONE Tu tens sempre de fazer batota. Vá lá, manda.

(*Sylvie manda a moeda, agarra, olha.*)

SYLVIE Gostou.

SIMONE Mostra a moeda.

(*Sylvie atira a moeda a Simone.*)

SYLVIE Olha.

SIMONE (*furiosa*) És uma...

SYLVIE Cuidado, cuidadinho... Olha a CENSURA.

SIMONE Já não há censura. Todas as violências são permitidas.

(*Simone faz uma imitação de Frankenstein. Estende os braços para a frente, avança, pernas hirtas, na direcção de Sylvie.*)

SIMONE (*com voz cavernosa*) Eu sou «Ventrenstein»... Vou-te matar... mas primeiro... quero vazar-te um olho, decepar-te um seio, cortar-te um dedo, partir-te as pernas, arrancar-te os dentes...

(*Sylvie solta um grito de terror.*)

SYLVIE Não, não, não me mates... NÃO ME MATES... Sou um monstro como tu... SOU A FILHA DO DRÁCULAAAAA...

(*Estrangulam-se mutuamente, caem, morrem... durante alguns segundos... depois levantam a cabeça, olham para o público...*)

SYLVIE (*apontando para o público*) Nem sequer pestanejou.

(*Levantam-se.*)

SIMONE É um convencido, já não há nada que o assuste.

SYLVIE Nada que o comova.

SIMONE Nada que o divirta.

SYLVIE (*num grito de dor*) HAVÍAMOS DE TER FEITO O DALLAS!

O palco escurece lentamente até ficar completamente...
Escuro

(*Ouve-se no escuro a voz de Simone.*)

VOZ DE SIMONE O QUÊ?... Com a Sylvie?!... NA MINHA CASA?... Quer dizer que todas as segundas e quintas, enquanto eu ia visitar a tua mulher, para ela não desconfiar de nada, tu e a Sylvie... na minha casa!... SACANA... És um SACANA... Não passas de um abominável sacana... Nunca mais te quero ver. (*Ouve-se desligar.*)

CENA 10

Sylvie e Simone

(*Quando se acendem as luzes, entram as duas ao mesmo tempo, uma pela esquerda, outra pela direita. Instalam-se nas duas mesas. Simone está desfeita, abafa os soluços num lenço.*)

SYLVIE (*para o público*) Quando eu disse ao Jacques... que estava tudo acabado entre nós... o idiota foi contar tudo à Simone... Sim, tudo, mesmo aquilo do estúdio... Porquê? Eu já te disse que ele queria deixá-la... Olha, matou dois coelhos duma cajadada... desenganado da vida airada, e, para se vingar do que eu lhe tinha feito, acrescentou: «Andei a enganar-te com a Sylvie... na tua casa... e pronto»...

SIMONE (*a chorar*) Arranjou outro amante... e deixou de precisar do meu... Então, o meu... com o seu orgulhozinho masculino enxovalhado... bem... não é... não sei porquê... disse-me: «A tua melhor amiga... anda a dormir comigo... na tua casa... vai para seis meses»... Foi assim...

SYLVIE Quando os homens decidem lá na cabecinha deles que se hão-de armar em espertos, são o que há de mais parvo. Podes ter a certeza.

SIMONE (*continuando a chorar*) Nunca mais a quero ver. Nunca mais a quero ver. Nunca mais quero ouvir falar dela... Nunca mais, nunca mais, NUNCA MAIS... Estás-me a ouvir? Nunca, mesmo nunca... Eu sabia que ela era falsa, mas não imaginava que o pudesse ser até este ponto... E aquele porco, que ia comigo para a cama às

terças e sextas, e com ela às segundas e quintas... Se calhar, a mulher tinha direito às quartas e aos sábados... Porque os domingos eram para descansar... Já reparaste? Tem a precisão de um relógio suíço... (*Conta pelos dedos.*) Sylvie, Simone, mulher, Sylvie, Simone, mulher... Ela até tinha a vantagem de o apanhar folgado às segundas... e eu vinha a seguir a ela, mesmo antes da mulher... Na minha cama, nos meus lençóis...

SYLVIE Sim, eu sei, exagerei um bocado... Podíamos ao menos ter feito aquilo noutro sítio... Mas ele é que insistiu. Dizia que era mais cómodo que num hotel, que não havia perigo nenhum... e para me sossegar telefonava à mulher, a perguntar-lhe se a Simone já tinha chegado... depois deitava-me na cama... Tu desculpa, mas eu acho que fazia amor melhor do que ela... Espero que ele não lhe tenha dito isto...

SIMONE Parece que estou a vê-la, a viborazinha, a desabafar comigo... (*Parodiando Sylvie.*) «És a minha melhor amiga. A ti, posso-te contar tudo... eu engano o meu marido... mas não te posso dizer com quem... é um homem casado, percebes»...

SYLVIE Desde esta manhã que ando à procura do que lhe hei-de dizer para ela me perdoar... mas não arranjo nada... Tens alguma ideia?

SIMONE Estou para ver que desculpa é que ela vai inventar... Se ela me disser que foi amor à primeira vista, não acredito. O Jacques nunca há-de provocar amores à primeira vista. É mais do género de insistir, insistir... até que um dia... ao fim de muitos esforços... Já sei, já sei o que ela me vai dizer: «Ele encheu-me de mimos, e eu fui resistindo, resistindo... até que uma noite... Depois, fez chantagem comigo... ou bem que vamos para casa da Simone, ou conto tudo ao teu marido»... Mas porque é que havia de ser em minha casa?... Para poupar o dinheiro do hotel?...

SYLVIE Eu podia dizer... Não, ela não acreditava. Ou então... também não...

SIMONE Vais ver que ela há-de arranjar maneira de se armar em vítima... Vítima dos seus calores, isso sim!

SYLVIE E se eu lhe dissesse que deixei o Jacques porque tinha remorsos?... É bem achado, não?... Sim, mas isso só posso dizer na segunda parte... depois de lhe explicar porque é que... Não, não pode ser.

SIMONE Lembro-me perfeitamente do dia em que ela o provocou... Jantámos os três num restaurante de bairro, e ela disse por brincadeira: «Todas as mulheres deviam ter um marido e um amante, e todos os homens deviam ter uma morena e uma loira». Não sei por que foi que rimos. Aquilo era completamente idiota. Mas não caiu em saco roto.

SYLVIE De qualquer maneira, vou dizer-lhe que ela não merecia um homem como ele... Nem uma amiga como eu... Repara que ela também não é nenhuma santinha. Contei-te as visitas que ela fazia à mulher do Jacques... uma amiga de infância... Sim, tens razão, eu não sou a pessoa mais indicada para falar disso.

SIMONE E ainda não sabes a melhor... Foi dizer àquele pindérico do realizador que eu era capaz de falar com sotaque espanhol, e agora o palerma (*com sotaque*) só quer que eu fale com pronúncia.

SYLVIE Ainda assim, arranjei maneira de a compensar. Pedi ao Gérard para não lhe pagarem à percentagem, e ao fim de muita insistência consegui que lhe pagassem logo... Não foi fácil, sabes? Aquela malta da produção é duma sovinice!... Boa, vou dizer-lhe também que não consegui o anúncio para os sapatos. Vai ficar toda contente... Sim, mas antes? Que é que eu lhe digo antes?

SIMONE Percebes, eu até lhe perdoava o Jacques... mas a minha cama e os meus lençóis, isso nunca... nem as minhas visitas à Mireille, que também lhe davam jeito a ela.

SYLVIE ... Ao fim e ao cabo, de nós três... o mais indecente é ele... Porque é que nos havíamos de zangar por causa dele?... Pronto... já tenho argumento... Começo por lamentar o que aconteceu, depois desvio a conversa para ele, e só falo dele... a explorar-nos às duas, lá no estúdio... Que é que te parece? Não achas bem?... A solidariedade feminina contra os machos... (*Consulta o relógio.*) Desculpa, mas tenho de me pôr a andar... Telefono-te amanhã para te contar como foi. Pronto, ciao. (*Inclina-se para se despedir com beijinhos, sai.*)

CENA 11

Simone

(*Simone fica uns instantes pensativa, depois olha para a direita.*)

SIMONE Porque é que aquele tipo não tira os olhos de cima de mim?... Já reparaste que está sempre a olhar? (*Lança outro olhar para a direita.*) Não despega... É estranho, mas parece-me que conheço aquela cara de qualquer lado... Olha disfarçadamente, e diz-me lá se não conheces aquela cara... Quem?... O Harry Fitzpatrick?... Quem é esse?... O realizador da «Barriga de Fome», que esteve em Cannes na selecção americana?... Ah sim? (*Nervosa.*) Vê lá se estou bem penteada... Olha agora para ele, e diz-me se ele continua a olhar... Continua a olhar para mim?... Vá, diz qualquer coisa que me faça rir. (*Desata a rir com um riso teatral.*) Agora levanta-te e diz-me que tens de te ir embora, que não podes mesmo demorar mais... Sim, sim, pronto... Bem, então até amanhã. Depois telefono...

(*Depois de ficar sozinha, Simone mostra com afectação o perfil direito, o esquerdo, e depois volta-se de repente, como se alguém acabasse de lhe dirigir a palavra... Ouve durante alguns instantes, sorri, dá um aperto de mão.*)

SIMONE ... Ah sim!... Não, eu não... Sim, sou actriz. Como é que adivinhou?... Reparou logo?... Ah, ah... É espantoso... Não, não estou à espera de ninguém... Claro que se pode sentar.

(*Durante alguns segundos, vemos as reacções de Simone à conversa do seu interlocutor. Mostra-se sucessivamente divertida, interessada, atenta, e depois encantada e conquistada.*)

SIMONE … De maneira nenhuma. Fala um francês impecável… Tem um ligeiro sotaque, mas não o perca, que é delicioso… Ah!… E como é que se chama o seu filme?… Quando?… Procura uma morena, assim tipo mediterrânico… E acha realmente que eu… Não, nunca fiz nada de importante, só umas coisas pequenas… para o papel principal?!… Eu… Eu não sei se… Sim, estou livre… Quando?…

(*O palco escurece lentamente.*)

Escuro

(*No escuro, ouve-se a voz de Sylvie.*)

VOZ DE SYLVIE Estou… Olá, é a Sylvie… Vamos andando… Ouve… É absolutamente incrível… Ela disse-me que se estava completamente nas tintas para o Jacques… Sim, tal e qual, que se estava completamente nas tintas para o Jacques…

CENA 12

Sylvie

(*O palco continua escuro mais alguns instantes, até que Sylvie aparece num círculo de luz. Está sentada na mesa da direita, ao telefone.*)

SYLVIE … Não percebo nada. Ela nem sequer quis que eu lhe pedisse desculpa. Comecei, mas não me deixou continuar… Disse-me que quem tinha sido realmente indecente nesta história era ele, e que não devíamos consentir que ele estragasse a nossa amizade… Sim, ela falou em amizade… Nem sequer ficou zangada por causa do estúdio nem da cama… Disse que achava cómico… Sim, sim, «cómico»… É espantoso, não achas?… Enfim, tudo está bem quando acaba bem… E eu que andava com remorsos… O quê?… Quando?… Depois de amanhã?… Não, não posso. Porque me aconteceu uma coisa espantosa!… Não, ouve. Ontem fui fazer uns testes para um filme americano… Do Harry Fitzpatrick… Sim, aquele que fez a «Barriga de Fome»… Sabes que é um tipo que não gosta de trabalhar com vedetas. Acho que detesta… Sim, sempre desconhecidas. Eu ia concorrer a um papel secundário, uma coisa de nada, só dois dias… E às tantas o Harry aproxima-se de mim, faz-me mil e uma perguntas, convida-me para almoçar, e, à sobremesa… propõe-me o segundo papel feminino… Ouviste bem?… O PRINCIPAL PAPEL SECUNDÁRIO… Não, para o papel principal quer uma morena e já encontrou… Decididamente, a Simone não tem sorte nenhuma… (*Fim do telefonema de Sylvie.*)

CENA 13

Simone e Sylvie

(A luz altera-se, atenua-se, tinge-se, talvez de azul, para fazer com que o palco mergulhe numa atmosfera irreal. Simone está agora sentada na mesa da esquerda. As duas «Vedetas» falam para si próprias, sem se verem.)

SIMONE (*sonhadora*) O PAPEL PRINCIPAL... imagina!...

SYLVIE (*sonhadora*) O PRINCIPAL PAPEL SECUNDÁRIO... imagina!...

SIMONE (*na mesma*) Desta vez é que é... Desta vez é o arranque...

SYLVIE (*na mesma*) Do principal papel secundário ao papel principal vai apenas um passo...

SIMONE Vou pedir... duzentos mil francos... não, trezentos mil...

SYLVIE Vou pedir duzentos mil francos.

SIMONE Aceito aquilo que me oferecerem... No fundo, não passo de uma desconhecida...

SYLVIE Se pedimos pouco, pensam que não valemos nada.

SIMONE De qualquer forma, não me podem oferecer menos de cem mil francos.

SYLVIE Começo por pedir duzentos mil, depois baixo para cem mil, e peço uma percentagem.

SIMONE São capazes de me propor só uma percentagem... Tanto pior, aceito... Às vezes uma percentagem rende mais do que um cachet... Um por cento sobre um milhão de entradas... faz trezentos mil francos... e um e meio por cento, quatrocentos e cinquenta mil... Já viste bem?!...

SYLVIE Em dois meses faço uns duzentos ou trezentos mil francos...

SIMONE E os Césares do ano que vem?... Se eu ganhar um César?... O prémio de Revelação?... ou o da melhor actriz?... Vou mostrar-lhes o que é uma actriz, das verdadeiras... (*Levanta-se, fala para a plateia.*) «Não estava nada à espera. Muito obrigada, muito obrigada... agradeço do fundo do coração. Sinto-me MUITO feliz e... e...» Aqui a emoção leva-me a hesitar, impede-me de falar... «e quero agradecer também ao meu realizador, Harry Fitzpatrick, sem o qual... sem o qual eu não estaria aqui esta noite... OBRIGADA...» (*Volta a sentar-se.*)

SYLVIE Vou provar que sou uma grande actriz... Mal assinar o contrato, vou-lhes mostrar que tenho imensa personalidade... Hei-de ostentar aquela originalidade que nos distingue da multidão... «Que é que toma ao pequeno-almoço?»... «Tomo banhos de sol... nua em pêlo na minha varanda...» Serei distante, bela, apetecível...

SIMONE Deixo o meu estúdio, instalo-me no Marais...

SYLVIE Deixo o meu marido, e ganho o divórcio. Passo a ser uma mulher livre...

SIMONE Depois... depois, arranjo um empresário de primeira, e mando toda a gente ir ter com ele. Leio o guião e só aceito os papéis que me agradarem...

SYLVIE Cocktails, recepções... Arranjo um guarda-roupa de verdadeira star...

SIMONE Não vou mudar a minha maneira de vestir. Continuo de jeans. Vai ser o meu estilo...

SYLVIE O correio dos fãs... as sessões de fotografia... os autógrafos... as limusines... o festival de Cannes, de Veneza... a Cinecittá... (*Levanta-se, abre os braços, atira beijos.*) «Mi piacce molto Italia, e voglio molto bene tutti Italiani...» (*Volta a sentar-se.*)

SIMONE Enfim... só os realmente GRANDES... Fellini, Wajda, Resnais, Forman, Francis Ford Coppola... Woody Allen, AQUI ESTOU EU!...

CENA 14

Sylvie e Simone

(O projector que iluminava Sylvie apaga-se ao mesmo tempo que a moldura se ilumina e... ao som de uma música TRIUNFAL... Simone... aparece... radiosa... casaco de peles, gestos espalhafatosos, beijos para a multidão... Disparos de flashes, autógrafos... até que Sylvie aparece também na moldura. Está dois passos atrás e à esquerda de Simone... Simone apercebe-se que Sylvie está atrás dela, e desloca-se lentamente para a esquerda, para a esconder... Sylvie dá um passo para a direita, mas Simone desloca-se também para a direita, encobrindo mais uma vez a sua «melhor amiga»...)

Escuro

(Quando as luzes voltam a acender-se, Simone está de pé, à esquerda, e Sylvie à direita. Estão de frente uma para a outra. Fuzilam-se mutuamente com o olhar... Na mesa da esquerda, estão algumas revistas e jornais.)

SYLVIE (*furiosa*) És um, és dois, és três e és quatro.

SIMONE (*com raiva*) Isso és tu.

SYLVIE (*na mesma*) Cinco, seis, sete e oito.

SIMONE (*irónica*) Ha, ha, ha... É inútil, não me atinges.

SYLVIE Tens razão. A verdade não atinge aqueles que vivem na mentira.

SIMONE (*divertida*) E és TU que me vens dizer isso a mim?!

SYLVIE (*contundente*) Nove, dez, onze e doze.

SIMONE (*desprendida*) Ah sim?... Onze, vá que não vá, mas doze, francamente...

SYLVIE (*gritando*) Quê! Já não te lembras daquela entrevista em que fizeste de conta que nem me conhecias?

SIMONE Não te tinha visto.

SYLVIE Tens o descaramento de dizer que não me viste! Treze dum raio... Catorze de caca.

SIMONE Continua, estou a gostar.

SYLVIE (*explodindo*) E és quinze, quinze, quinze.

SIMONE Quinze?!... Que é que isso quer dizer, «Quinze»?

SYLVIE Quer dizer que deixei de te falar. Que não quero voltar a ver-te... DEIXASTE de ser minha amiga.

SIMONE Mas, minha querida, tu não decoraste o papel. Tinhas de dizer «NUNCA foste minha amiga».

SYLVIE Isso é mentira.

SIMONE Não deixas de ter razão. Estava a esquecer que a mentira é uma grande prova de amizade. Às vezes mente-se para não magoar, e se... não queremos magoar... só pode ser por amor... Não é verdade, Sylvie?

SYLVIE Sim, de certa maneira.

SIMONE Sylvie, não passas de uma reles dezasseis.

SYLVIE Mas que exagero. Já pensaste no que estás a dizer?

SIMONE Então não pensei? Tanto assim que até te chamo dezassete.

SYLVIE Porque dormi com o teu homem, na tua casa, na tua cama?

SIMONE Isso já lá vai, não tem importância nenhuma e ainda hoje me diverte... Estou a ver-te a compor a cama... Ha, ha... Aquela cama, afagada pelas tuas mãos brancas... os lençóis esticados, bem lisinhos... apagam por completo a tua presença. O Jacques ajudava-te, ao menos?

SYLVIE ÉS UMA...

SIMONE Cuidado, olha que te enganas outra vez a dizer o texto. A próxima réplica é minha. Eu é que tenho de dizer: «És uma... dezoito.»

SYLVIE Estás a interpretar um papel, Simone, confundes o palco e a vida.

SIMONE Quando a peça está bem escrita, não há qualquer diferença.

SYLVIE (*alto*) Isso é que há.

(*Simone senta-se à mesa da direita.*)

SIMONE Fazes o favor de me explicar a psicologia da tua personagem.

SYLVIE Primeiro, não existe personagem, depois, não existe uma acção predeterminada, e, finalmente, improviso o texto... não o decoro.

SIMONE Mas já se disse tudo, já se viveu tudo... Por isso, à força de ter visto tudo e de ter ouvido tudo... uma pessoa repete-se e acaba por decorar textos que ouviu mil vezes.

SYLVIE Estás a representar.

SIMONE Tão poucochinho.

SYLVIE Estás a representar.

SIMONE E represento como?

SYLVIE Mal.

SIMONE Tão mal como tu?

SYLVIE (*apontando para a moldura*) Ali dentro? Não... Mas aqui, sim... Lembra-te que somos mulheres, e sobre estas mulheres «ELE» construiu a sua «Divina Comédia»... Não me enganas, quando tentas levar-me a crer que és incapaz de fazer tudo o que eu faz... faço... e farei... Somos parecidas, e todas as Mireilles, Teresas, Fátimas, Luísas, Marias... mesmo qualquer Maria-vai-com-as-outras, todas se parecem connosco... Mulheres ou actrizes, somos todas parecidas... Por isso... não olhes para mim como se de repente te tivesses tornado... NUM HOMEM... Vou-me embora. Tenho um encontro.

SIMONE (*precipitando-se para ela com a voz*) Sylvie, não te esqueças...

(*Sylvie volta-se.*)

SIMONE ... não te esqueças de despir as calcinhas.

(*Sylvie sai.*)

CENA 15

Simone

(*Um projector coloca Simone num círculo de luz. O resto do palco escurece. Simone tira uma revista de cima da mesa, folheia e lê.*)

SIMONE «As actrizes e os actores desconhecidos que Harry Fitzpatrick incluiu no seu último filme... continuarão a ser desconhecidos, graças a Harry Fitzpatrick. Acho que não se perde nada com isso...» (*Furiosa, deita a revista para o chão, e pega noutra.*)

VOZ DE SYLVIE «Ao assistirmos ontem à projecção do último filme de Harry Fitzpatrick, "Barriga Cheia", lamentámos duas coisas: termos visto o filme e termos perdido o septuagésimo-quinto episódio da "Dinastia".»

(*Simone deita fora a revista e pega num jornal.*)

SIMONE «Vimos ontem o último filme de Harry Fitzpatrick. Não me recordo do nome da actriz que desempenhava o papel de uma jovem morena, e espero vivamente ser capaz de esquecer também as duas horas de projecção a que me sujeitei por dever de ofício...» (*Deita fora o jornal e pega noutro.*)

VOZ DE SYLVIE «Antes de termos visto o último filme de Harry Fitzpatrick, julgávamos conhecer os limites do tédio. Depois da projecção a que assistimos ontem, esses limites ampliaram-se e passámos a achar o seu penúltimo filme apaixonante.»

(*Simone deita fora o jornal e derruba a pilha de revistas que tinha à sua frente.*)

CENA 16

Sylvie

(*O palco escurece. A moldura ilumina-se. Sylvie aparece na moldura.*)

SYLVIE ... «O dia-a-dia com LAVADENTE é a brancura do seu dente.» (*Faz uma pirueta e saltita duas vezes.*) ... Com LAVADENTE, frescura absoluta e permanente... (*Falando ÀQUELE que a está a dirigir*) ... Como?... Com mais alegria de viver?... Okay... Desde o princípio?... Tudo bem. A partir da pirueta... Estou pronta...

(*Ouve-se alguém a gritar «Acção». Sylvie repete a pirueta, depois saltita duas vezes.*)

SYLVIE ... Com LAVADENTE, frescura ABSOLUTA e permanente!... (*Falando de novo para quem a está a dirigir.*) ... Ainda com mais alegria de viver... Nos saltos? ou na maneira de dizer o texto?... Okay... Estou pronta...

(*Ouve-se gritar «Acção». Nova pirueta, seguida de dois saltos.*)

SYLVIE ... com LAVADENTE, FRESCURA ABSOLUTA e PERMANENTE!!!... (*Pausa, durante a qual Sylvie ouve as instruções que lhe dão.*) ... Sim... Sim... Uma pirueta... antes da frase... depois «com Lavadente»... depois um salto... Sim, para a tal alegria de viver... depois «frescura absoluta»... depois outro salto e «permanente»... Okay, vou repetir sem o texto... (*Faz uma pirueta, mima o texto, dá um salto, mima o texto, dá outro salto, mima o texto.*)

SYLVIE (*repetindo só para si*) Com Lavadente, frescura absoluta e permanente, com Lavadente, frescura absoluta e permanente, com Lavadente, frescura absoluta e permanente... Podemos começar. Estou pronta... (*Mais uma pausa, para ouvir as instruções que lhe estão a dar.*) ... Tudo bem... Okay... Dou a pirueta entre os dois saltos... Sim, sim, sugere muito mais alegria de viver... Sim, tem toda a razão... Okay, vamos a isso...

(*Ouve-se uma voz gritar «Corta». A moldura apaga-se. O palco ilumina-se. Simone fica sozinha à frente das revistas que derrubou; é a continuação da cena 15.*)

CENA 17

Simone e Sylvie

SIMONE ...É indecente ... Nós só dizemos aquilo que nos mandam dizer... Só interpretamos as personagens que nos confiam... Não nos podem acusar de termos obedecido a um realizador... Não nos podem acusar de termos aceitado um mau papel... Há vinte e dois mil seiscentos e setenta e cinco actores e só setecentos e trinta e oito é que têm trabalho...

(*Sylvie entra pela esquerda.*)

SYLVIE Setecentos e trinta e nove. Acabo de fazer um anúncio para uma pasta dentífrica.

SIMONE Isso só corresponde a um dia de trabalho.

SYLVIE Terça e quarta faço figuração numa de cena de ...

SIMONE Agora já não há «figuração» nem «figurantes»; a coisa tem um estatuto mais nobre. Os figurantes passaram a ser... actores... de complemento.

SYLVIE De complemento de objecto.

SIMONE Exactamente. E por que é que aceitaste?

SYLVIE Olha... até ver...

SIMONE Até veres o quê?

SYLVIE Se arranjo um papel.

SIMONE Não, não digas «um» papel, mas O papel... O papel em que... O papel que... AQUELE papel... O papel principal, o grande papel, não é verdade?

SYLVIE Claro.

SIMONE Ainda acreditas nisso?

SYLVIE Claro.

SIMONE Mas como?

SYLVIE Amanhã vão-me apresentar um realizador que...

SIMONE Basta, Sylvie... O realizador que te vão apresentar amanhã não tem nenhum papel principal para te dar... para arranjar alguém para o papel principal, quem se teve de mexer foi ele... Queria uma vedeta... Há vinte e dois mil seiscentos e setenta e cinco actores, e essa besta quer uma vedeta... Mas esses vinte e dois mil seiscentos e setenta e cinco actores são TODOS eles vedetas... Não tenhas dúvidas, basta fazeres uma sondagem. (*Aproxima-se de Sylvie.*) ... Olhe, desculpe: é actriz?

SYLVIE Claro.

SIMONE E é vedeta?

SYLVIE ...Euh... não... ainda não.

SIMONE Mas entretanto, espero que tenha feito algum anúncio, arte dramática de complemento, espero que aceite fazer dobragem, substituir uma colega...?

SYLVIE Claro.

SIMONE E está disposta a aceitar pequenos papéis?...

SYLVIE Claro.

SIMONE Papéis em que a ponham a fazer uma coisa qualquer, em que tenha de aparecer de uma maneira qualquer, nua ou com uma panela na cabeça... se o guião assim o exigir, ou se lho pedirem com delicadeza.

SYLVIE Claro.

SIMONE E também aceitava rapar o cabelo, ficar horrível, pintar-se de vermelho, de amarelo, de azul?

(*Sylvie não responde.*)

SIMONE (*cruel*) Pois não é verdade que a menina aceitava que a pintassem de vermelho, de amarelo ou de azul?

SYLVIE Claro.

SIMONE E podem pô-la a rir, a chorar, a cantar, a dançar, a saltar, a cair?

SYLVIE Claro.

SIMONE E aceita.

SYLVIE Claro.

SIMONE Porquê, minha querida?

SYLVIE Porque há vinte e dois mil seiscentos e setenta e cinco actores...

SIMONE Actores-vedetas.

SYLVIE Sim, actores-vedetas, TODOS ELES à espera de fazerem TUDO aquilo que lhes pedirem... Desde que lhes peçam qualquer coisa.

SIMONE (*para o público*) Ouviram bem?... «Desde que lhes peçam qualquer coisa»... E temos tanto medo de não estar no sítio certo, no dia em que nos quiserem utilizar, que procuramos estar em todo o lado ao mesmo tempo... Ele é um filme aqui, uma peça ali, mais um anúncio ou um clip, esta tarde um cocktail, amanhã a TV... Mas se passamos o dia numa roda-viva... nunca se está em casa!... E o telefone?... sim, se alguém telefonar entretanto para nos propor... para nos propor uma coisa qualquer que não se deve recusar... Temos tanto medo de não estar lá para atender que... TODOS, sem excepção... mandámos instalar um atendedor automático. Um gravador que diz: «De momento, não me é possível atender, só de momento. Volto já. PEÇO-LHE POR TUDO que deixe a mensagem... Por favor, deixe a mensagem... Deixe a mensagem, por favor...»

(*Pausa demorada; depois, Simone volta-se, afasta-se lentamente, dirige-se para a moldura...*)

SIMONE ... Somos vinte e duas mil seiscentas e setenta e cinco futuras vedetas que esperam poder dizer «Claro, com certeza, quando quiserem e como quiserem...»

(*Silêncio glacial... depois, Simone coloca-se atrás da moldura e Sylvie vai para junto dela. Estão voltadas para o público, quando o palco escurece e a moldura se ilumina...*)

SIMONE (*resignada*) Minhas Senhoras e meus Senhores... quando quiserem... e como quiserem.

SYLVIE (*empolgada*) Minhas Senhoras e meus Senhores... quando quiserem... e como quiserem.

SIMONE E SYLVIE (*mudando várias vezes de tom*)
Minhas Senhoras e meus Senhores...
quando quiserem... e como quiserem.
Minhas Senhoras e meus Senhores
quando quiserem... e como quiserem...
Minhas Senhoras e meus Senhores...
quando quiserem... e como quiserem...

(*Até que as duas vozes se confundem e são abafadas pelo som de...*
«THERE'S NO BUSINESS LIKE SHOW BUSINESS...»)

PANO

Acabou de imprimir-se
em Maio de 1993
na Tipografia Guerra (Viseu)
numa tiragem de 1000 exemplares.

DEPÓSITO LEGAL 64982/93